

História da Educação Comparada: reflexões iniciais e relato de uma experiência

Diana Gonçalves Vidal²

Resumo

O artigo objetiva discutir a emergência do interesse sobre História Comparada em Educação para a historiografia educacional brasileira e relatar uma experiência de estudos comparados no campo educativo. Para atingir o primeiro propósito traça um breve histórico de publicações e eventos científicos nacionais e latinoamericanos que abordaram a temática da Educação Comparada e da História Comparada da Educação e interroga-se sobre possibilidades e limites da comparação. Em seguida, explora uma pesquisa específica, realizada em parceria com Silvina Gvirtz, sobre o ensino da escrita no Brasil e na Argentina, entre 1880 e 1940, destacando similitudes e realçando diferenças nos dois processos educacionais. Conclui apontando para a importância das análises comparadas para a compreensão das singularidades históricas e para a necessidade de elaboração de pesquisas comparativas entre as diversas regiões e localidades brasileiras, de maneira a matizar entendimentos históricos sobre a educação no Brasil, construídos particularmente pela investigação na região sudeste.

Palavras-chave: Educação comparada; História comparada; ensino da escrita

Abstract

The paper aims both at discussing the emergence of an interest on the Compared History of Education to the Brazilian educational historiography and at reporting an experience of compared studies in the educational field. To achieve the first objective it outlines a brief history of national and Latin American scientific events and publications dealing with Compared Education and Compared History of Education; here it enquires into the possibilities and limits of comparison. Afterwards, it explores a particular research conducted in association with Silvina Gvirtz, concerning the teaching of writing in Brazil and Argentina between 1880 and 1940; at this point it underlines similarities and emphasizes differences in such educational processes. As to conclusion, it points out both the importance of compared analyses for the comprehension of historical singularities and the need of researches comparing the various Brazilian regions and localities in order to variegate historical knowledge about the education in Brazil, which has been built particularly through investigations on Southeastern Region.

Key-words: Compared Education; Compared History; teaching of writing.

¹Texto apresentado na mesa-redonda *Limites e possibilidades da pesquisa no campo da História da Educação Comparada*, realizada durante o VII Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), em 3 de maio de 2001 (Pelotas, RS).

² Faculdade de Educação – USP

Recentemente, durante o I Congresso Brasileiro de História da Educação, foi realizada a mesa-redonda *Perspectivas comparadas em História da Educação*. A idéia da mesa surgiu em virtude de algumas interrogantes que, de maneira pontual, mas constante, vêm se apresentando no campo da História da Educação no Brasil. Na sessão de encerramento do III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Cynhtia Greive Veiga (2000: 3) e Joaquim Pintassilgo diagnosticavam que, apesar do esforço da comunidade acadêmica em promover eventos marcados pelo desejo de intercâmbio, era completamente ausente das comunicações a proposta de histórias comparadas. Destacavam, entretanto, o Grupo de Pesquisa Luso-Brasileiro "Estudos sobre a Escola, Brasil e Portugal (sec. XIX e XX)" coordenado por Antonio Nóvoa (Universidade de Lisboa) e Denice Catani (USP-Brasil). Tal diagnóstico reiterava análise semelhante produzida por Clarice Nunes (1998) para a sessão de encerramento do I Congresso Luso-Brasileiro, na qual indicava que dentre 140 trabalhos apresentados por brasileiros no encontro apenas oito buscavam o estudo comparado, e destes, somente dois, enfrentavam o desafio de comparar Brasil e Portugal. Retomava, também, considerações de Dermeval Saviani (1999: 11), que ao abordar os Encontros Ibéricos de História da Educação e os Congressos Iberoamericanos de História da Educação, afirmava o intercâmbio efetuado mais como troca de experiências de pesquisas que investigações conjuntas ou sobre temas comuns. O presente evento, promovido pela ASPHE, se por um lado, associa-se a esse movimento percebido na atualidade no campo da História da Educação de interesse pelos estudos comparados, por outro, opera um deslocamento, uma vez que, ao eleger como o tema geral *Pesquisa em História da Educação: perspectivas comparadas*, coloca a comparação no centro do debate acadêmico.

A relação de luz e sombra, presença e ausência de estudos comparados no campo historiográfico educacional brasileiro suscita a reflexão. Reclamada, seguidamente apontada como falta, a História da Educação Comparada, entretanto, aparece em posição de destaque, nos últimos cinco anos nas reuniões científicas, em mesas-redondas ou sessões de encerramento.

Por certo, podemos creditar parte do interesse pelo exercício da comparação aos apelos da atualidade dos noticiários. Premidos pela criação da ALCA, pelo jogo político duro do governo norte-americano, especialmente na era George Bush; indecisos na aposta ao MERCOSUL, particularmente pelo reveses econômicos daquela que deveria ser a grande parceira, a Argentina, vivemos um momento político e econômico em que

as alianças entre os países ora significam o apagamento das diferenças nacionais, ora reforçam a importância da manutenção das diferenças. Comparar emerge como uma tarefa urgente na reordenação das forças políticas e econômicas, mas também sócio-culturais. A valorização de grupos étnicos, de culturas particulares, ao mesmo tempo que soa como *politicamente correto*, acena para os riscos da intolerância e da violência. Na cena educacional, estudos sobre políticas educativas e reformas educacionais, apresentadas como modelares na Espanha e na França, chegam à América Latina muitas vezes coloridos pelo discurso da superação das deficiências nacionais através da integração mundial, no vórtice de uma globalização representada como inexorável.

Indiciária, tal relação nos faz refletir sobre a história mesma do desejo em comparar no campo educacional. Investimento ligado, em geral, desde o fim do século XIX, à reforma dos sistemas educativos e à formulação de políticas públicas (Lourenço Filho, 1974:23), a Educação Comparada surgiu como disciplina no Brasil, nos anos 1930, na Escola de Professores do Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, durante a reforma Anísio Teixeira da instrução pública carioca (Silveira, 1992), num momento em que ainda não se prenunciava a II Grande Guerra e em que o movimento escolanovista brasileiro construía-se na interlocução com experiências similares na Europa e Estados Unidos. De disciplina obrigatória a partir de 1939 em todos os cursos de Pedagogia, em nível, superior, passou a optativa com a LDB de 1961, praticamente desaparecendo dos programas na década de 1970 (Silveira, 1992: 6). Nessa mesma década de 1970, difundiam-se as Teorias Desenvolvimentistas, do Capital Humano e de Modernização Social, que, produzindo uma concepção universal dos objetivos da educação, tendiam a perceber os sistemas educativos do mundo como homogêneos nos princípios, apesar de díspares no desenvolvimento social e econômico. Tal distorção poderia ser superada, redimindo-se os sistemas de sua ineficiência, o que, segundo Clarice Nunes (2001),

“acabou endossando soluções skinerianas como as máquinas de ensinar, o ensino programado e seus desdobramentos, numa onda de tecnificação da educação da qual procuramos nos desvencilhar.”

E propiciou

“investigações eminentemente descritivas, capazes de reunir um grande número de indicadores tratados estatisticamente, a partir de uma homogeneização da história mundial”.

Na avaliação de Franco (2000: 295), entretanto, as Teorias da Dependência inverteram a posição de observador/observado nas análises, à medida que os países latinoamericanos iniciaram um processo de explicação de seus próprios problemas e de busca de suas possíveis soluções.

Nos últimos 20 anos, estimulada pela ação da UNESCO no Brasil, através da realização do Seminário *Inércia e mudança nos sistemas educativos da América Latina e dos países africanos de língua ibérica*, promovido em 1980, e do intercâmbio de pesquisadores como Juan Carlos Tedesco, dentre outros; e pela atuação do Programa de Pós-Graduação da FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), a preocupação com a comparação no campo educacional deslocou-se para o cenário latinoamericano. Corroborando esse quadro, em resposta aos interesses de pesquisadores que, recriando os laços constituídos no exílio, pretendiam compreender o Brasil no contexto da América Latina, em 1986, foi criado o GT da ANPEd *Sociedade e Educação na América Latina*, extinto em 1992. Com o intuito de discutir tanto aspectos teórico-metodológicos da comparação, quanto políticas públicas para a educação na América Latina, o GT propunha-se a recuperar “a produção histórica dos processos estudados em sua materialidade e dimensão cultural”, de acordo com Maria Aparecida Ciavatta (Apud Silveira, 1992: 9). Ainda, em 1990, era constituída a AELAC – Associação dos Educadores da América Latina e Caribe, e, em 1991, a sessão brasileira, AELAC-Brasil.

Tal movimento do campo da Educação Comparada apresentou interfaces com o área historiográfica educacional. Primeiramente pelo primado de uma concepção evolucionista de sociedade, perceptível ainda nos anos 1970, que predispunha os estudos comparativos a utilizar-se da história com o intuito de identificar etapas a serem superadas pelos sistemas educativos, apoiando-se largamente em estudos estatísticos; ao mesmo tempo que a história da educação, marcada pela ênfase no que Miriam Warde (1990) denominou de *pragmatismo presentista*, operava análises com vistas a uma intervenção política imediata.

Posteriormente, pelo interesse, manifestado nos anos 1980 e 1990 pelo estudo dos processos e sistemas educacionais dos países latinoamericanos, o que levou tanto a uma publicação de trabalhos de educação comparada, como Madeira e Mello (1985), Britto (1991) e Franco (1992), como incentivou a edição de compilações, como a organizada por Dermeval Saviani em 1984, parcialmente reeditada em 1996; ou a publicação de resultado de encontros internacionais promovidos por grupos de pesquisa, como Vidal (1998) e Saviani (1999); ou a realização de teses como a de Yannoulas (1996) sobre a profissão docente no Brasil e na Argentina; ou, ainda, o início, em 1992, na Colômbia, dos Congressos

Iberoamericanos de História da Educação, fomentando o intercâmbio de pesquisas.

Mas, se os fatores externos ao campo historiográfico educacional auxiliam-nos a refletir sobre aspectos da produção da História Comparada da Educação no Brasil, são insuficientes, à medida que percebemos que a historiografia educacional, especialmente a partir dos anos 1980, iniciou um deslizamento em direção à disciplina História e um afastamento progressivo da relação mantida desde a década de 1930 unicamente com o campo pedagógico, negando-se, assim, o estatuto de disciplina auxiliar à pedagogia, ao assumir o desafio de constituição de um campo particular. Ainda que esse movimento não tenha levado a uma ruptura, iniciou uma decisiva preocupação com a fonte ou fontes para a escrita de uma história da e sobre a educação brasileira, fazendo crescer o interesse pela ida a arquivos e pela organização/ constituição de acervos.

Como num jogo caleidoscópico, práticas de pesquisa e escrita histórica foram-se alterando, ressignificando, criando novos matizes e formas, num processo de mútua tecitura. A escrita apropriou-se de novos autores e conceitos/ categorias; e o relato histórico viu-se problematizado enquanto operação historiográfica (De Certeau, 1982). A incorporação de novas fontes, assim, não se deu como acréscimo, mas operou e foi operada por um novo estatuto da narrativa histórica para a disciplina História da Educação. Deslocou-se (paulativamente se vai deslocando) o lugar da instalação do discurso historiográfico educacional. Isso não significa que ele tenha se alijado dos espaços institucionais que tradicionalmente o acolheram: as Escolas Normais e as Faculdades de Pedagogia. Em que pese o surgimento crescente de grupos de investigação, em geral, continuam associados às Faculdades de Educação. É no interior mesmo desses espaços institucionais que o discurso histórico em educação vem constituindo um novo *lugar social*, uma nova *prática* e uma nova *escrita*. Sofrendo constrangimentos diferenciados, uma vez que elegeu novos interlocutores (a disciplina história e não apenas o campo pedagógico), os sujeitos produtores do discurso historiográfico educacional, como sujeitos plurais, passaram a organizar seu trabalho em função de novas *leis* do meio, buscando conferir legitimidade (e autoridade) à sua escrita (De Certeau, 1982).

É necessário, assim, voltar-se à própria história da escrita histórica para tentar entender matizes dessa ausência dos estudos comparados, reiteradamente afirmada, e seu interesse nos dias atuais. Exercício de fôlego, sua realização padece da mesma precariedade iniciada anteriormente. Poucos são os trabalhos, no Brasil, que aceitaram o desafio de efetuar e refletir sobre a comparação, correndo, na avaliação de Clarice Nunes (1998: 581), “o risco do seu possível fracasso, quando, por exemplo,

o historiador compara o incomparável, ou confunde comparação com justaposição". Esse exercício será efetuado, aqui, apenas de maneira exploratória, valendo-me da discussão já desenvolvida por Clarice Nunes e Heinz-Gerhard Haupt e ciente do alerta de De Certeau (1994: 110), de que *"cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram)."*

A escassez de estudos comparativos não é privilégio do Brasil. Discorrendo sobre a produção historiográfica francesa no campo dos estudos comparados, Heinz-Gerhard Haupt (1998: 206) chega à constatação semelhante, afirmando a prática como exceção na França. Interrogando-se sobre as causas da pequena quantidade de trabalhos na área, apesar de afirmar que, já em 1928, Marc Bloch propunha uma *história comparada das sociedades européias*, Haupt (1998: 210-211), destaca o caráter vago do método comparativo como uma das respostas possíveis, bem como a tradição da historiografia francesa, com privilégio aos estudos de história regional e local; a politização dos debates históricos, fortalecido pela formulação de paradigmas a partir da avaliação política do campo na França; e a definição específica do mito fundador da França contemporânea, enraizada na discussão sobre a influência da Revolução Francesa na Europa e no mundo. Ao recusar confundir comparação com sínteses de trabalhos internacionais, justaposição de estudos em uma mesma obra, ou história das relações entre países, aponta três possíveis direções para análises na área: a) a orientação de problemáticas e diretrizes de pesquisa, definindo mais precisamente o campo de estudos; b) a elaboração de monografias históricas, nacionais ou regionais, que tragam na introdução ou conclusão aspectos da história de outros países; e c) a realização de estudos que partindo de uma problemática comum pretendam acentuar diferenças e localizar analogias.

Clarice Nunes (2001) para indagação semelhante, arrisca como respostas: a) o peso da historiografia brasileira de caráter nacional; b) o incômodo das Teorias do Capital Humano, na construção de uma história evolutiva; e c) as exigências de uma pesquisa de fôlego por abarcar imensa massa documental e repousar sobre grande erudição do investigador. Recusando, ela também, a comparação por justaposição, propõe como alternativa o exercício dos grupos de estudo, como a possibilidade de identificação de problemáticas comuns de análise comparativa, respaldada pela experiência dos Seminários *Escola Nova no Brasil e na Argentina*, que abordaremos, Silvina e eu, mais detalhadamente a seguir, a partir de um estudo de caso.

O relato de uma experiência

O estudo sobre o ensino da escrita na Argentina e no Brasil, entre 1870 e 1930, por Silvina e eu elaborado, teve seu começo nas discussões do Grupo *Escola Nova no Brasil e na Argentina*, constituído em 1995, após nossa participação conjunta em uma sessão de comunicações do *II Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana*, ocorrido em 1994, em Campinas. Os entendimentos iniciais foram seguidos de debates efetuados em quatro oportunidades: duas na Argentina (Universidade de Buenos Aires e Quilmes) e duas no Brasil (USP e PUC-SP), congregando inicialmente pesquisadores dos dois países (grupo que paulatinamente foi sendo ampliado com o concurso de investigadores da Espanha, França e Suíça).

Ao longo do trabalho conjunto, o lento aprendizado das dificuldades das histórias de cada país foi embaralhado pelo reconhecimento das imprecisões conceituais, dentre elas a própria compreensão do significado de *Escola Nova*. Aquilo, portanto, que nos havia unido - o desejo de conhecer as diferentes manifestações do escolanovismo nos dois países - demonstrava-se refratário a uma apreensão imediata. Recusando circunscrever a aceção aos dez pontos definidos por Ferrière para caracterizar a Escola Nova e buscando um entendimento histórico do termo, fomos surpreendidos por intensas discussões, em que as bases de um consenso viam-se constantemente problematizadas.

No esforço de estabelecer quadros de compreensão do escolanovismo na América Latina, optamos por trabalhar em duplas, constituídas a partir da experiência de cada pesquisador. Dessas duplas, a que conseguiu, de uma forma mais consistente estabelecer diálogos e intercâmbios de pesquisa, foi a que envolveu Silvina e eu. Já no segundo encontro do grupo, apresentamos textos distintos sobre a mesma temática: o ensino da escrita (Vidal, 1998, e Gvirtz, 1998). A partir desse primeiro intento e do debate das exposições pelo grupo mais amplo, dedicamo-nos à discussão via internet, que foi, pouco a pouco, consolidando o formato de um artigo em comum, posteriormente publicado no Brasil (1998) e na Argentina (1998/1999).

Uma primeira elucidação dos procedimentos teóricos que guiaram esse trabalho foi feita no artigo "História da Educação comparada na América Latina: um caso para repensar algumas suposições (o ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar no Brasil e na Argentina, 1880-1940)", editado no livro *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes de investigação*, publicação do GT de História da Educação (1999) e no texto "Ensaio para a construção de

uma História Comparada da Educação: a Escola Nova e o ensino da escrita no Brasil e na Argentina (1920-1940)", no prelo da revista portuguesa *Cultura*.

Partindo da constatação de que na maioria das vezes, os poucos estudos comparativos ora restringiam-se a compilações de vários autores sobre um mesmo tema, ora compunham-se da associação de textos sobre diversas questões, em um e outro caso deixando ao leitor a tarefa de efetuar a síntese, propusemo-nos a efetuar uma história comparativa que fugisse da mera justaposição.

Para tanto, buscamos denominadores comuns na problemática trabalhada. A proposta pedagógica abria a possibilidade de comparação não de épocas ou pressupostos teóricos gerais, mas de um tema concreto em comum. As perguntas, a que tentamos dar uma primeira e ainda provisória resposta foram: seria possível e a partir de que lugar construir-se-ia uma história comparada latinoamericana que não se ativesse unicamente à dimensão política. A proposta era, assim, debruçar-se sobre certas similitudes, procurando reconhecer singularidades construídas historicamente. Nesse sentido recusávamos o primado da homogeneidade dos processos latinoamericanos, ao mesmo tempo que colocávamos em suspeita a originalidade de cada processo. O estabelecimento das similitudes não tinha por função o apagamento das diferenças detectadas, mas o construção de um terreno comum de análise, sobre o qual o descenso poderia ser realçado.

Todo esse percurso nos fez perceber não apenas a pertinência do uso da expressão *Escola Nova* para qualificar os processos educativos intentados no Brasil e na Argentina, mais especificamente no entre-guerras, como aquilatar os limites histórico-regionais da expressão. O caráter oficial que o movimento tomou no Brasil contrastava flagrantemente com a matiz alternativa que assumiu na Argentina, aliás muito mais próxima das manifestações escolanovistas da Espanha e França. O entendimento das diferenças de significado, entretanto, não repousou sobre uma suposta falha brasileira de apropriação de um modelo exógeno, ou uma idéia que no Brasil que ficou fóra do lugar. Foi construído pela compreensão das formas históricas que o movimento se constituiu em cada um dos países, pelos desafios que enfrentou em razão da organização do Estado, da estruturação do sistema educativo, da composição étnica da sociedade, dentre vários outros aspectos.

Comentários finais

Apesar do trabalho efetuado centrar-se numa análise comparativa entre dois países da América Latina, cabe destacar que o exercício da comparação não necessariamente deve ser enfrentado no cotejamento histórico entre nações. Especialmente para um país de dimensões continentais como o Brasil, com políticas descentralizadas no campo educacional até pelo menos 1930, e composto por uma diversidade étnica e cultural, a comparação entre as regiões e localidades deve participar do objetivo das investigações de cunho histórico. E, talvez, seja essa, enfim, uma das principais razões da emersão do interesse pela história comparada por parte dos historiadores brasileiros da educação. A preocupação com o levantamento de acervos documentais, construção de guias de fontes e publicação de documentos; a incorporação de uma massa documental, para além da legislação, nos trabalhos do campo, frutos da interlocução com a disciplina História, como comentado acima, e o crescimento da produção historiográfica no país têm levado os pesquisadores em história da educação a perceber e questionar a precariedade das análises históricas que pretendiam estender para o Brasil entendimentos construídos particularmente pela pesquisa na região sudeste.³ Por outro lado, e aqui uma se explora uma segunda razão, o incentivo à constituição de grupos de pesquisa, integrando a investigação de diversas instituições no país, ou de pares entre o Brasil e o exterior, pelas agências financiadoras e pelas universidades, em busca de maiores índices de produtividade acadêmica e de reconhecimento internacional à pesquisa brasileira, tem colocado como questão a pertinência e o interesse da criação desses grupos e da implementação de pesquisas conjuntas, o que, por certo, envolve compreender similitudes e diferenças entre objetos de investigação. Nesse sentido, indagações acerca de: Como decidir se dois objetos são comparáveis? Como compará-los? Que escala de comparação adotar? E por que comparar? (Valensi, 1990, apud Haupt, 1998: 211) vêm invadindo a prática da pesquisa histórica, colocando como desafio refletir sobre as possibilidades e limites da História da Educação Comparada.

³Pretendendo perceber as diferentes acepções que o movimento escolanovista assumiu no Brasil, Luciano Mendes de Faria Filho e eu realizamos um estudo sobre as comemorações do centenário do ensino primário nas reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo, em Minas Gerais e Distrito Federal (RJ), respectivamente.

Referências bibliográficas

- Bonitatibus, Suely G. *Educação comparada: conceito, evolução, métodos*. São Paulo: EPU, 1989.
- Britto, L.N. *Educação no Brasil e na América Latina: questões relevantes e polêmicas*. São Paulo: T. A. Queiróz, 1991.
- De Certeau, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Franco, M. Aparecida Ciavatta (org). *Estudos comparados e educação na América Latina*. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.
- _____. “Cuando nosotros somos el outro. Cuestiones teórico-metodológicas sobre los estudios comparados”. In: Calderón Lopez-Velarde, Jaime (coord.) *Teoría y desarrollo de la investigación en educación comparada*. México: Plaza Y Valdes, 2000.
- Gvirtz, Silvina. “El problema de la escritura en la Escuela Nueva Argentina: de lo higiénico-pedagógico a lo psico-pedagógico en el discurso educativo”. *Revista da Faculdade de Educação*, FEUSP, vol. 24, nº 1, jan. jun.1998, p..
- Haupt, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma história comparada. In: Boutier, j. e Julia, D. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1998, p. 205-216.
- Lourenço Filho, M.B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- Madeira, F.R. e Mello, G. N. (orgs) *Educação na América Latina: os modelos teóricos e a realidade social*. São paulo: Autores Associados/Cortez, 1985.
- Nunes, Clarice. Mesa-redonda. In: *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998, vol. III, p. 579-587.
- _____. “História da Educação e comparação: algumas interrogações”. In: Sociedade Brasileira de História da Educação. *Educação Brasileira: história e historiografia*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001, no prelo.
- Saviani, Dermeval. Idéias para um intercâmbio internacional na área de História da Educação. In: Sanfelice, J.L. et alli. (org) *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Editora Autores Associados, 1999, p.9-18.
- _____. (org) *Desenvolvimento e educação na América Latina*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

- _____. (org.) *Para uma história da educação Latino-americana*. Polêmicas do nosso tempo. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.
- Silveira, Elisabete Cristina C. O surgimento da disciplina Educação Comparada no Instituto de Educação em 1932: a sutileza de seu projeto. Mestrado: Faculdade de Educação-UFF, 1992.
- Veiga, Cynhtia Greive. *Pesquisas em História da Educação no Brasil: caminhos da polifonia*, mimeo, 2000.
- Vidal, Diana G. (org) II Encontro Internacional Escola Nova no Brasil e na Argentina. *Revista da Faculdade de Educação*, FEUSP, vol. 24, nº 1, jan. jun. 1998, p. 101-103.
- _____. "Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30." *Revista da Faculdade de Educação*, FEUSP, vol. 24, nº 1, jan. jun. 1998, p. 126-140.
- Vidal, Diana G. e Gvirtz, Silvina. "O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940". *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo (8): 13-30, maio, jun, jul, ago. 1998.
- _____. "La enseñanza de la escritura y la conformación de la modernidad escolar: Argentina y Brasil 1880-1930". *Anuario de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación*, nº. 2, Buenos Aires, 1998/1999, p. 137-161.
- _____. "História da Educação comparada na América Latina: um caso para repensar algumas suposições (o ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar no Brasil e na Argentina, 1880-1940)". In: Faria Filho, L.M. (org) *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes de investigação*. Publicação do GT de História da Educação. Belo Horizonte: HG Edições, 1999, p. 69-86.
- _____. "Ensaio para a construção de uma História Comparada da Educação: a Escola Nova e o ensino da escrita no Brasil e na Argentina (1920-1940)". *Cultura*. Revista de História e Teoria das Ideias. Lisboa, 2001, no prelo.
- Vidal, D.G. e Faria Filho, Luciano M. de. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo, 2000, mimeo.
- Yannoulas, Sílvia C. Educar: ¿una profesión de mujeres? La feminización del normalismo y la docencia (1870-1930). Buenos Aires: Kapelusz, 1996.
- Warde, Miriam. Contribuições da história para a educação. Em aberto. Brasília: INEP, ano 9, nº 47, jul/set., p. 3-11, 1990.